



O PREÇO DA COR: PRESENÇA NEGRA E POVOAMENTO DA REGIÃO DE MATAS DO RIO GRANDE DO SUL (1889-1930)

Marcio Antônio Both da Silva¹

Nas linhas que seguem, busco refletir sobre uma questão que ultimamente vem recebendo especial interesse por parte da historiografia brasileira, ou melhor, que vem sendo objeto de maior atenção nos últimos anos, mas que ainda oferece uma ampla variedade de problemas a serem pesquisados. Embora dispersa e elaborada a partir de diferentes abordagens e enfoques, a produção de pesquisas sobre os processos vividos pelas populações negras no pós-abolição tem aumentado ultimamente. Comprova isso, o número de artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e livros publicados sobre o assunto nos últimos 30 anos. Em uma busca inicial e rápida, realizada a partir de sites de busca (Google), páginas de alguns programas de pós-graduação, sítios indexadores de revistas e no portal de periódicos da CAPES pude encontrar cerca de 08 teses de doutorado, 12 dissertações de mestrado e 59 artigos produzidos, os quais, de forma direta ou indireta, têm como foco de análise questões relativas as populações negras no pós-abolição². Estes números, que podem ser complementados a partir da realização de pesquisas mais detidas e aprofundadas, são uma amostra inicial que indica a repercussão do tema entre os pesquisadores e a atenção que a ele vem sendo direcionada.

Tais números poderiam servir para desautorizar o argumento de que a vida dos negros no pós-abolição pouco foi estudada no Brasil. Contudo, tal constatação encontra suporte em um determinado sentido, mas não noutro. Para ser mais claro, mesmo diante desta produção, algumas lacunas ainda precisam ser preenchidas, pois parte significativa dos estudos realizados têm como foco de análise os espaços urbanos, em sua maioria as capitais dos estados brasileiros,

¹ Doutor em História pelo PPGH-UFF, professor do Colegiado do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: marcioboth@gmail.com.

² Ao final deste artigo, na bibliografia, segue uma relação dos textos verificados para produção desses dados. Cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa inicial que precisa ser aprofundada a partir da realização de consultas mais detidas junto aos Programas de Pós-Graduação, aos grupos de pesquisa que desenvolvem estudos sobre o tema e nos sites das Revistas acadêmicas vinculadas a Programas de Pós-Graduação em História e áreas afins. Diante disso, considero que a produção é bem mais vasta do que os dados aqui apresentados. Cabe destacar ainda que a pesquisa foi realizada entre os meses de novembro de 2012 e fevereiro de 2013 e que os livros publicados que tratam do assunto não foram contabilizados porque parte significativa deles é produto das teses, das dissertações e das pesquisas mencionadas.



especialmente Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Há também a produção de estudos sobre o interior do Brasil, mas a maior parte dela trata de cidades importantes no contexto de seus estados, como Pelotas no Rio Grande do Sul, Ouro Preto e Juiz de Fora em Minas Gerais, Campinas em São Paulo, municípios situados na Baixada Fluminense no caso do Rio de Janeiro e o Recôncavo Baiano, especialmente as cidades situadas na região metropolitana de Salvador, no caso da Bahia. Isto é, cidades que no período do pós-abolição conheceram um processo intensivo de urbanização ou de desarticulação profunda dos processos sociais que as caracterizavam no pré-abolição. Além disso, que mantinham algum tipo de vínculo sólido, político ou econômico, com as capitais de seus estados. Se tomarmos por base os artigos acadêmicos, as teses de doutorado e as dissertações de mestrado já defendidas e que encontrei nesta pesquisa inicial, temos:

TABELA 1: Amostra da produção acadêmica que tem por objeto de estudo a temática dos negros no pós-abolição e o contexto que abordam

	Capitais	Cidades vinculadas às Capitais	Cidades interioranas
Teses	Rio de Janeiro/RJ – 2 São Paulo/SP – 1 Salvador/BA – 1	Pelotas/RS – 1 Recôncavo Açucareiro/BA – 2 Novo Hamburgo/RS – 1	
Dissertações	São Paulo/SP – 3 Porto Alegre/RS – 2 Rio de Janeiro/RJ – 2	Baixada Fluminense/RJ – 1 São João Del-Rei/MG – 1 Campinas/SP – 1	Cambará/RS – 1 Santa Quitéria/CE – 1
Artigos	Rio de Janeiro/RJ – 5 Porto Alegre/RS – 6 São Paulo/SP – 3 Salvador/BA – 2 Distrito Federal – 1 Brasil ³ – 8 Rio Grande do Sul – 4 Santa Catarina – 1 Pernambuco – 1	Juiz de Fora/MG – 2 Campinas/SP – 2 Pelotas/RS – 6 Recôncavo Baiano – 3 Vale do Paraíba/RJ – 1 Ouro Preto/MG – 1 Feira de Santana/BA – 1 Piracicaba/SP – 1 Zona da mata mineira/MG – 1	Jacuizinho/RS – 1 Lages/SC – 1 Cambará/RS – 1 Marau/BA – 1

Como já afirmei anteriormente, os dados da tabela estão longe de dar conta de toda produção acadêmica realizada e que tem por objeto a questão dos negros no pós-abolição. Tais números são uma amostra parcial do universo de pesquisas realizadas e têm o sentido de dar força

³ A contextualização mais genérica – Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pernambuco – se refere a artigos que têm como objetos de análises situações gerais e abarcam espaços mais amplos em suas análises.



ao argumento de que a temática vem recebendo atenção significativa nos últimos anos. Além disso, buscam demonstrar que a maior parte desta produção está concentrada em análises referentes as grandes cidades brasileiras, sendo que o interior do país ainda não recebeu atenção merecida. É importante ressaltar também que em 17 dos 59 artigos consultados, os quais foram publicados em Revistas e Anais de eventos, há referência de que 10 são resultado de pesquisas de mestrado e 07 de doutorado. Dos 42 artigos restantes, parte significativa foi elaborada a partir de estudos desenvolvidos por pesquisadores já consolidados na área, dos quais se destacam os nomes de Martha Abreu (2010), Hebe Mattos (2004) Ana Maria Lugão Rios (2004, 2008), Sidney Chalhoub (1988), Sílvia Lara (1998), Peter Fry (1996), Regina Xavier (2009), Beatriz Loner (2010, 2005, 1999), entre outros. Uma quantidade menor foi produzida por estudantes de graduação que elaboraram seus textos a partir do desenvolvimento de pesquisas de iniciação científica ou trabalhos de conclusão de curso, alguns inclusive orientados pelos professores acima citados.

Diante destas primeiras observações, o objetivo aqui é proporcionar elementos para a realização de discussões sobre a presença, importância, inserção social e atuação dos negros recém egressos da escravidão num espaço territorial situado no interior do estado do Rio Grande do Sul e que, na época da Primeira República, foi alvo direto de um intensivo processo de povoamento. O espaço em questão localiza-se na parte norte do estado e é constituído por vários municípios, sendo que alguns, durante o período escravocrata, especialmente Cruz Alta e Passo Fundo, possuíam um número significativo de escravos. A maioria desses escravos era propriedade de grandes fazendeiros criadores de gado ou, em menor número, pertenciam a senhores que exploravam a agricultura ou o extrativismo e comercialização de erva-mate e madeira na região. Também é importante lembrar o contingente significativo de negros que, no período escravocrata, encontravam nas áreas florestais da região – espaços de fronteira agrária – um local propício para suas fugas ou, no caso de libertos, terras “livres” para se estabelecerem como camponeses.

Inserção social dos negros no pós-abolição nas matas do Rio Grande do Sul

Como já frisei, o objetivo do texto é discutir assuntos relativos à presença e o lugar social ocupados pelas populações negras no processo de povoamento da região de matas do Rio Grande do Sul durante o período da Primeira República (1889-1930). Basicamente a análise será realizada a partir do estudo de um Processo crime que foi movido na Comarca do município de Santo Ângelo



e têm como personagens pessoas que, ao longo do Processo, são identificadas como negras. Dessa forma, a intenção é produzir uma análise que contribua na constituição de conhecimentos sobre os negros no pós-abolição e, especialmente, mostrar a importância dos escravos, ex-escravos e descendentes de escravos na região norte do Rio Grande do Sul. Território que invariavelmente é apresentado e se auto-apresenta como um espaço que foi formado/construído pelo trabalho de imigrantes e descendentes de imigrantes europeus.

De início é importante registrar que a temática dos negros ainda não recebeu atenção proporcional a sua importância e são poucos os estudantes e pesquisadores que se arriscam a propor temas sobre os negros na região de matas do Rio Grande do Sul no pós-emancipação. Muito disso se deve a quase inexistência de fontes que possibilitem o desenvolvimento das pesquisas. Sobre as fontes, um dos principais problemas a dificultar o desenvolvimento de estudos dos negros no pós-abolição é o silêncio a respeito desta presença que, segundo a historiografia competente, vem se demonstrando um obstáculo difícil de superar. Assim, os pesquisadores que se preocuparam em entender o pós-emancipação, não só no Brasil (MATTOS, 1998) como em outras nações em que o trabalho escravo encontrou presença – Cuba e Estados Unidos, por exemplo⁴ – têm demonstrando que as fontes são raras e proporcionalmente em menor quantidade do que nos períodos em que a escravidão estava vigente. As explicações para este fenômeno social variam de contexto para contexto e não cabe aqui apresentá-las todas, mas apenas ressaltar o quanto o silêncio sobre a presença negra no passado se tornou um problema para o presente.

Atualmente não é mais novidade o fato de que a cor da pele de um determinado indivíduo, no imediato pós-abolição, poderia ser associada ao seu comportamento, assim como ainda o é nos dias de hoje (CUNHA e GOMES, 2007). Da mesma forma, as pesquisas têm demonstrado que a presença da cor varia de acordo com as fontes com as quais se trabalha (GUIMARÃES, 2006). Algumas linhas já foram escritas sobre o paradoxo “cor” e “cidadania” e/ou “cor” e “liberdade” (MATTOS e RIOS, 2005; CHALHOUB, 1990 e 2005; FONER, 1988), contudo, pouco sabemos sobre os motivos que levavam a uma pessoa a expressar a cor de sua pele ou de alguém no período e em determinadas situações. No caso dos jornais da Primeira República, por exemplo, é possível verificar uma tendência a criminalização das populações negras. Se tomarmos os Processos criminais movidos na época, igualmente, é possível perceber que a cor se torna elemento importante quando a intenção é criminalizar algum tipo de comportamento considerado desviante. Nos documentos

⁴ Sobre esta questão ver: COOPER, HOLT, SCOTT (2005) e SCOTT (1991).



oficiais produzidos pelo Estado – Relatórios e mensagens presidenciais – é verificável, e aqui me refiro mais detidamente ao caso do Rio Grande do Sul, uma ausência quase que completa da cor, sendo que nas poucas vezes que ela é mencionada o é no sentido de postular uma suposta fraternidade existente entre as diferentes etnias formadoras do “povo brasileiro”.

Um tipo de fonte que tem se destacado na elaboração de interpretações sobre o modo como viviam as populações negras no recém pós-emancipação são os Processos crime. A partir deles, mesmo que de forma filtrada, os historiadores podem encontrar indícios dessa vivência e da forma como tais grupos lidavam com os preconceitos comuns à época. Entretanto, é preciso ter-se em conta que nesse tipo de fonte os registros não são absolutamente fiéis, pois eles são produzidos por um escrívão que ajusta os discursos dos testemunhos, interrogatórios e depoimentos aos padrões da escrita, de seu vocabulário e das padronizações que os autos exigem.

Não foram muitos, mas nas pesquisas que realizei para elaboração da tese de doutorado (SILVA, 2011) encontrei alguns Processos crime que tinham como razão de existência algum conflito motivado por questões de preconceito ou em que a cor dos envolvidos em alguma questão que se tornou alvo da Justiça era referenciada. Para este texto em específico me deterei na análise de um crime ocorrido em 1903 e que aconteceu no terceiro distrito do município de Santo Ângelo, lugar conhecido como “Rincão dos Antunes”. O referido crime não teve por móvel o preconceito de cor, mas um dos envolvidos é identificado como “preto” e o principal agente do crime, em um dos interrogatórios que presta, justifica que sua ação teve por motivo uma ofensa, cujo conteúdo era racial.

Segundo consta nos autos do Processo, o crime ocorreu na madrugada do dia 06 para o dia 07 de dezembro de 1903 e foi perpetrado por Policarpo Cardoso de Oliveira, Pedro Cardoso de Oliveira (irmão de Policarpo) e pelo “preto” João Antônio Felizardo. As vítimas foram Antônia de Oliveira Fucks e sua filha Alcinda de Oliveira. Devido às circunstâncias e ao modo como o assassinato foi executado, ele chocou profundamente os moradores do distrito. As vítimas foram degoladas, sendo que Antônia foi estuprada por Policarpo após sua morte e Alcinda que também teve sua garganta cortada, tinha 3 anos de idade. Ao longo do Processo, afora os envolvidos diretamente no assassinato – vítimas e assassinos – entre testemunhas de defesa e de acusação são ouvidas mais de 15 pessoas, o que demonstra a repercussão que o crime teve, especialmente na comunidade onde ele aconteceu.



As primeiras suspeitas caem sobre uma moradora do terceiro distrito, Luiza Cardoso que era irmã de Policarpo e Pedro, suposição que tinha por fundamento o fato de que era voz corrente no Rincão dos Antunes que Antônia e Luiza entretinham uma relação de inimizade. A animosidade reinante entre as duas tinha por justificativa os ciúmes que uma tinha da outra em função de terem se envolvido em certa disputa amorosa. Da mesma maneira, era voz corrente no distrito que Luiza, certa feita, havia prometido matar Antônia e sua filha na casa em que moravam. Contudo, ainda na fase de inquérito, Miguel de Oliveira Fucks, irmão e responsável por avisar o delegado sobre a morte de Antônia, ao ser questionado sobre suas possíveis suspeitas de quem poderia ter cometido o crime, afirma que não tinha ideia e conta que dias antes do crime sua irmã havia lhe comunicado que Policarpo Cardoso de Oliveira tinha ido até sua casa e feito propostas, oferecido dinheiro inclusive, para passar a noite com ela, convite que foi recusado por Antônia. Diante da recusa, Policarpo se irritou e o resultado foi uma troca de ofensas entre os dois, sendo que Policarpo ao se retirar da casa de Antônia prometeu que “ela se arrependeria mais do que ele” por não aceitar seu convite. Munido dessas informações e de alguns indícios encontrados no local do crime – um pedaço de tecido de um pala que, posteriormente, foi averiguado que pertencia a João Antônio Felizardo e uma garrafa de cachaça – o delegado passou a inquirir os possíveis suspeitos do crime.

Na primeira fase do inquérito o delegado toma o depoimento de 16 pessoas, dentre elas alguns membros da família Cardoso de Oliveira, vizinhos, parentes e amigos de Antônia Fucks. Os indícios coletados ao longo desses depoimentos levam o delegado a chegar a Policarpo, Pedro e João Felizardo, sendo que este último, quando é inquirido, resolve quebrar o pacto estabelecido entre os três e confessar sua participação na execução do crime. Em seu depoimento João conta que na noite de domingo para amanhecer segunda, dias 06 e 07 de dezembro de 1903, retornava para casa de sua residência ainda de madrugada quando, no caminho, encontrou com Policarpo e Pedro, os quais estavam próximos a casa de residência de Antônia Fucks. Ao encontrar os dois irmãos, João perguntou o que estavam fazendo e eles responderam que andavam caçando tatú. Na sequência Policarpo ofereceu um trago de cachaça a João que aceitou a oferta⁵. Após tomar o trago de cachaça, os irmãos Cardoso convidaram João a ajudar eles a matarem Antônia Fucks, sendo que João recusou o convite, mas Policarpo e Pedro insistiram e também ofereceram dinheiro e um cavalo, sendo que diante da oferta João assentiu. A partir disso, os três se dirigiram a casa de

⁵ Em seu depoimento João informa que a garrafa encontrada na cena do crime era aquela da qual ele havia bebido e ela pertencia a Policarpo Cardoso.



Antônia que, a princípio hesitou em atender as batidas na porta, mas Policarpo disse ser João Germano, provavelmente um conhecido de Antônia e, diante desta identificação, a vítima abriu a porta de sua casa sendo, em seguida, ameaçada a espada por Policarpo que

Entrou porta adentro perseguindo-a e ao entrar gritou para ele respondente e Pedro que chegassem, eles chegando já encontraram a mulher caída na cama e Policarpo apertando-a disse a ele respondente que ajudasse a segurar, então ele respondente chegou e apertou-a nas pernas e Policarpo degolou-a. A filhinha pequena que dormia na mesma cama com sua mãe acordou-se com a luta que tiveram ao assassinar sua mãe e começou a chorar muito, então Pedro agarrou-a e disse-lhe: agora tu pestinha vai passar pela mesma forma e, passando por cima da mãe que estava morta, foi e degolou-a. (SANTO ÂNGELO, *Autos crime 1903*. Maço 78, Processo n. 2.094. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul).

João ainda conta que após matar Antônia, o algoz abusou sexualmente dela. Provavelmente Policarpo sofria de necrofilia, pois seu cunhado, José Giordani, em depoimento conta que quando Policarpo trabalhou como capataz na fazenda de Pacífico Corrêa Dornelles, que se localizava no município de São Luiz Gonzaga, ele havia seduzido e engravidado uma moça, a qual devido a gravidez suicidou-se. No dia do velório, Policarpo, “um tanto embriagado” a “todo transe tentou violar o cadáver para saciar desejos libidinosos o que foi impedido pelas pessoas que estavam presentes” (*Idem*).

Após João Felizardo ter confessado sua participação no crime e revelado a atuação de Policarpo e Pedro, os irmãos foram inquiridos pelo delegado e apresentaram suas versões sobre o fato. Destaco aqui as justificativas apresentadas por Policarpo em relação aos motivos que o levaram a discutir com Antônia e a, posteriormente, cometer o crime. Ele elabora uma explicação bastante interessante e que guarda poucas aproximações com as versões apresentadas pela maioria das testemunhas que tinham alguma notícia sobre a primeira briga ocorrida entre Antônia e Policarpo antes da perpetração do assassinato. Nestes termos, ao ser inquirido sobre a morte de Antônia Fucks e sua filha Alcinda de Oliveira, Policarpo responde que, diante do fato de um de seus companheiros que com ele havia jurado “nunca revelar o crime nem mesmo sujeitando-se a morte” tinha quebrado a promessa, resolveu declarar a verdade, principalmente para que não pairasse sobre qualquer inocente desconfiança injusta “como lhe consta estar sucedendo com sua irmã Luiza Cardoso”.

Neste primeiro depoimento, prestado ainda na fase de inquirição, Policarpo confessa o crime Contudo, quando é interrogado na fase de julgamento, além de negar sua participação no crime



afirmando que no dia em que Antônia foi assassinada estava doente e de cama na casa de seu irmão José Cardoso de Oliveira, constrói uma nova interpretação sobre o desentendimento que teve com ela no momento anterior ao crime. Assim, ao ser perguntado se ele esteve na casa de Antônia e se tinha oferecido dinheiro para com ela pernoitar, Policarpo responde que

um mês antes esteve em casa da referida Antônia e que ele interrogado querendo retirar-se porque vinha chuva que nessa ocasião Antônia ofereceu-lhe a casa para pousar e ele interrogado não aceitando, **Antônia respondeu que ele não pousava lá porque não tinha um mil réis para dar para uma mulher branca e ia dar para uma Negra (sic) duzentos réis** e que ele interrogado um pouco incomodado com aquelas palavras tirou do bolso a quantia de cinquenta e quatro mil réis dizendo que tinha dinheiro e que não era só duzentos réis (*Idem*). (Grifos meus).

Não é possível saber se essa versão apresentada por Policarpo é mais fiel a discussão travada entre ele e Antônia, pois nos relatos das testemunhas que tinham ficado sabendo da briga a partir do que tinha lhes contado a vítima, não há detalhes sobre o conteúdo da discussão. De qualquer forma, o que chama atenção nesse depoimento de Policarpo, além dele ter negado a autoria do crime, é o ato de ter apresentado como possível justificativa de sua indignação o sucedido de Antônia ter dito que ele, devido a sua condição financeira, teria que procurar uma mulher negra.

O problema não está em descobrir qual a versão mais fiel ao acontecimento e sim perceber e compreender o peso da questão da cor no modo como se constituíam as relações sociais, visto que ao apresentar o argumento em uma situação pública, diante do tribunal, Policarpo, mesmo que estivesse inventando o conteúdo da discussão, estava lidando dentro dos parâmetros do possível, socialmente falando. Em outros termos, a cor definia lugares e status sociais naquele contexto, circunstância que fica visível na intenção de Policarpo em justificar sua indignação com Antônia por ela supostamente ter dito que ele não tinha condições de pagar à uma mulher branca por seus serviços sexuais. Da mesma forma, a trama montada por Policarpo demonstra que, naquele contexto, era aceitável/normal que as pessoas de cor, caso tivessem que ser avaliadas monetariamente, seriam menos caras do que as pessoas brancas.

Como já mencionei, João Felizardo foi o primeiro a confessar o crime e a contar os detalhes sobre como ele aconteceu, sendo que diante dessa confissão os irmãos Cardoso também assumiram sua participação, coisa que passaram a negar quando do julgamento, especialmente no momento em que passaram a ser assistidos por um advogado, o qual deve ter orientado a Policarpo e Pedro para responsabilizarem somente João Felizardo pela autoria do crime. Assim, a cor de João passou a ser constantemente invocada na perspectiva de ser considerado o único culpado. Na denúncia



apresentada na abertura do Processo crime, por exemplo, consta que os assassinatos de Antônia e sua filha foram realizados pelos irmãos Cardoso e pelo “preto” João Antônio Felizardo. Da mesma forma, o delegado, após inquirir as testemunhas e os suspeitos, elabora seu relatório no qual o “crioulo” João Felizardo é apresentado como “incomparável monstro” que aceitou participar do crime em troca de dinheiro e cavalo.

Circunstância importante de ser grifada novamente é a de que, a partir do momento em que Pedro e Policarpo passam a ser orientados por um advogado, a cor de João Felizardo se torna mais presente nos autos. João, por sua vez, não consegue contratar um advogado que o defenda e passa a ser assistido por pessoa nomeada pelo Juiz durante o julgamento, mas a presença desse defensor é quase nula ao longo do Processo. Como é perceptível nos depoimentos das testemunhas de defesa e das respostas prestadas pelos irmãos Cardoso após a intermediação do advogado, a estratégia montada era a de responsabilizar unicamente o “crioulo” João Felizardo pelo crime, mas o plano acaba não funcionando, pois os três são condenados a cumprir 30 anos de prisão.

A partir destes dados visualiza-se que a inserção de João no conjunto de relações que constituíam a realidade social em que participava era bastante subordinada, mais até do que a de seus companheiros de crime que, como ele, se declaram homens pobres que realizavam atividades vinculadas à lavoura ou ao manejo com o gado. Tais diferenças ficam claras no Processo crime na circunstância de que Policarpo e Pedro conseguem, via seus contatos, serem atendidos por um advogado. Além disso, apresentam como testemunhas de defesa pessoas que são consideradas importantes na esfera local e que mobilizam certo capital simbólico, tanto é que o principal argumento da defesa escrita, juntada aos autos e apresentada pelo advogado, propõe que ao envolver Policarpo e Pedro no crime, João, orientado por algumas pessoas de Santo Ângelo, buscava atingir diretamente a “honra e respeitabilidade” do Tenente Coronel Pacífico Corrêa Dornelles, patrão e parente em segundo grau de Policarpo e Pedro. Da mesma forma, em 1923 quando os irmãos Cardoso solicitam sua liberdade condicional, juntam aos autos cartas e documentos que atestam sua boa conduta antes de perpetrarem o crime, as quais são produzidas por pessoas que se apresentam e são apresentadas como importantes na esfera local, um dos quais diz ter sido chefe de polícia em Santo Ângelo. Em outros termos, os irmãos Cardoso conseguem mobilizar um capital social impossível de ser manejado pelo “crioulo” João Antônio Felizardo e, muito embora tal manejo não tenha sido eficiente no sentido de isentá-los da punição, lhes garantiu acesso a “benefícios” aos quais João Felizardo devido a sua posição e inserção social, não teve.



Todavia, cabe ainda perguntar qual o lugar do “crioulo” João Antônio Felizardo em meio a tudo isso. Nas suas próprias palavras ele era um homem casado, que “trabalhava em todo serviço como pião” e que morava no terceiro distrito de Santo Ângelo desde seu nascimento. Afirma que aceitou participar do crime porque Policarpo e Pedro lhe ofereceram cachaça, dinheiro e cavalo para fugir caso algum “caipora” resolvesse delatar o fato. Aos olhos da maior parte as testemunhas, João era um negro turbulento e de maus costumes. Segundo uma delas (Pedro Loreto Antunes, 30 anos de idade, casado, lavrador), João “era tomador de cachaça e turbulento, principalmente depois da Revolução”. Provavelmente Pedro Loreto se refira a Revolução Federalista (1893-1895) que notabilizou o Rio Grande do Sul na passagem da Monarquia à República e sobre a qual ainda pouco sabemos no sentido de entender a participação popular e suas consequências entre essa população. Muito provavelmente João tenha sido sincero ao alegar que o único motivo que tenha levado ele a participar do crime foi a cachaça, o dinheiro e o cavalo oferecidos pelos irmãos Cardoso, pois no Processo crime não há nenhum indício que demonstre uma possível razão anterior que tenha levado João a querer matar Antônia e sua filha.

Assim, é provável que seu sim ao convite feito pelos irmãos Cardoso tenha como justificativa o fato de ter pouco a perder e, supostamente, muito a ganhar na sua participação, afinal, ele era um homem com fama de turbulento e, além disso, era negro num contexto em que a cor de pele era móvel de inserções e relações sociais. Muito provavelmente no momento do convite tenha sido convencido de que não seriam descobertos e talvez tenha atuado em favor do convencimento a circunstância de que, na noite em que ocorreu o crime até o seu encontro com os irmãos Cardoso em uma restinga próxima a casa de Antônia, estava em uma venda bebendo com alguns seus amigos e conhecidos, em outros termos, estava com seu juízo alterado. João também conta que no momento em que Pedro degolou Alcinda e em que Policarpo abusou do corpo de Antônia, ficou estarecido diante da cena e fugiu para sua casa. Talvez o remorso e a repercussão do crime tenham o movido a, já no primeiro interrogatório a que foi submetido, contar os detalhes do crime e quebrar a promessa que ele Policarpo e Pedro haviam feito de não revelar o ato mesmo diante da morte.

Assim, em 02 de maio de 1904, após julgamento e manifestação dos jurados sobre os quesitos, os três réus são condenados a 30 anos de prisão, sendo que há apelação sem sucesso para segunda e terceira instâncias. Como já grifei, por volta do ano de 1923, os irmãos Cardoso pedem liberdade condicional, no que são atendidos. Nesse pedido, continuam afirmando que o único



culpado pelo crime tinha sido o “crioulo” João Antônio Felizardo, o qual havia falecido na Casa de Correção de Porto Alegre no dia 06 de setembro de 1918, vitimado por enterite tuberculosa.

Considerações finais

As situações e relações apresentadas a partir da leitura do Processo crime demonstram e permitem conhecer muito sobre a sociabilidade das populações que viviam no “Rincão dos Antunes”, comunidade situada no 3º distrito do município de Santo Ângelo que juntamente com outras municipalidades – Cruz Alta, Passo Fundo, Palmeira das Missões, por exemplo –, na época, compunha uma das últimas áreas de fronteira agrária do estado do Rio Grande do Sul e para onde, juntamente com a Proclamação da República, foi direcionado um conjunto significativo de pessoas que foram atraídas pelas políticas de colonização desenvolvidas naquela quadra histórica.

Em sua maioria, tal contingente era formado por imigrantes provindos da Europa e por descendentes de imigrantes que vinham das áreas de colonização antigas do Rio Grande do Sul – São Leopoldo e Caxias do Sul, por exemplo. Todavia, esse movimento não foi levado a cabo apenas por imigrantes e seus descendentes, pois é preciso dar o devido valor para atuação e presença de outros grupos sociais, cuja importância é igual ou maior do que a dos imigrantes. Comparativamente a situação vivida por estes grupos era mais precária do que aquela encarada pelos imigrantes. Eram negros, mestiços e indígenas, num país marcado pelo preconceito de cor, eram homens sem dinheiro e sem terra em um contexto em que o processo de mercantilização avançava a passos largos. Diante disso, restavam-lhes poucas oportunidades de terem suas concepções de mundo, sonhos e interesses respeitados e, mesmo assim, souberam lidar com as adversidades e construir as suas histórias. Hoje temos raras notícias dessas histórias, mas os poucos indícios mostram que elas são marcadas pela luta e pela resistência aos processos que a todo custo buscaram anular, criminalizar e estigmatizar seus valores, costumes e modos de vida. Enfim, neste texto, busquei analisar, a partir dos dados presentes em um único Processo crime, algumas dessas situações, objetivando com isso possibilitar uma compreensão mais detida do lugar e da inserção social dos grupos egressos da escravidão no imediato pós-emancipação em uma localidade situada no interior do interior do Rio Grande do Sul.



Bibliografia

ABREU, Martha. O “crioulo Dudu”: participação política e identidade negra nas histórias de um músico cantor (1890-1920). In: *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 11, nº 20, jan.-jun., 2010, p. 92-113.

____; PEREIRA, Matheus Serva. *Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil*. Niterói: PPGH-UFF, EDUFF, 2011.

AGUILAR, Maria do Carmo Moreira. “Andava vagando no mundo”: memórias das trajetórias de um *campesinato negro itinerante* no Rio Grande do Sul. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, julho 2011. Texto disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308185536_ARQUIVO_ARTIGO_ANPUH\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308185536_ARQUIVO_ARTIGO_ANPUH[1].pdf). Acesso realizado em: 29-01-2013.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

____; FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA, Fernanda Moutinho de. Libertos, pretos, negros, africanos, pardos... As “cores” do pós-abolição na Zona da Mata Mineira – resultados de uma pesquisa recente. In: *X Encontro Regional de História – ANPUH/RJ: história e biografia*. Rio de Janeiro, 2002. Texto disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2002/Comunicacoes/Almeida%20Fernanda%20M.doc>. Acesso em 28-12-2012.

ALMEIDA, Maximiliano M. M. de. Escravos e afrodescendentes na historiografia oficial do castilhismo. In: *2º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Porto Alegre, 2005. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/maximiliano%20almeida%20completo.pdf>. Acesso realizado em: 01-02-2013.

AMANCIO, Kleber Antônio de Oliveira. Apontamentos sobre as mulheres negras no pós-emancipação (1888-1918). In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 13 a 15 de maio de 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/kleberamancio.pdf>. Acesso realizado em 03-01-2013.

____. Vida cotidiana e agência no pós-emancipação. In: *Anais do XX Encontro regional de História: história e liberdade*. Franca: Unesp, 2010. (Cd. Rom.)

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.

ARANTES, Érika Bastos. *O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2005. (Dissertação de Mestrado).



BAKOS, Margaret Marchiori. Regulamento sobre o serviço de criados: um estudo sobre o relacionamento Estado e Sociedade no Rio Grande do Sul. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v. 4, nº 7, Mar., 1984, p. 94-104.

BOHRER, Felipe Rodrigues. Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre no Pós-Abolição. In: *Iluminuras*. Porto Alegre, v. 12, nº 29, jul./dez., 2011, p. 121-152.

BRANCO, Mirian Adriana. Em Santa Catarina, os afro-descendentes e o condicionamento da cidadania. In: *2º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Porto Alegre, 2005. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/miriam%20branco%20completo.pdf>. Acesso realizado em: 01-02-2013.

CAÇÃO, Felipe Quartin Barbosa; FILHO, Cyro de Barros Rezende. O papel dos escravos negros após a abolição. In: *Revista Semina*. Passo Fundo: UPF, v. 9, nº 2, 2010.

CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 2009. (Dissertação de Mestrado).

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: UNICAMP, 2005.

_____. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, nº 16, mar./ago., 1988, p. 83-105.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca J. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Práticas aristocráticas e lazeres burgueses de um príncipe negro na República Velha. In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/silviomarcussouzacorrea.pdf>. Acesso realizado em 22-01-2013.

COSTA, Carlos Eduardo da. *Campesinato negro no pós-abolição: migração, estabilização e os Registros Cíveis de nascimentos. Vale da Paraíba e Baixada Fluminense, RJ (1888-1940)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. Da tutela ao contrato: “homens de cor” brasileiros e o movimento operário carioca no pós-abolição. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 11, nº 20, jan.-jun., 2010, p. 114-135.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias do pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.



CUNHA, Sílvio Humberto dos Passos. *Um retrato fiel da Bahia*. Sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre no recôncavo açucareiro, 1871-1902. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Estadual de Campinas, 2004. (Tese de Doutorado).

DANTAS, Caroline Vianna. *Brasil 'café com leite': história, folclore, mestiçagem e identidade cultural nos periódicos (Rio de Janeiro, 1903-1914)*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2007. (Tese do Doutorado).

DOMINGES, Petrônio. "Um desejo infinito de vencer": o protagonismo negro no pós-abolição. In: *Topoi*, v. 12, n. 23, jul.-dez., 2011, p. 118-139.

_____. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, set./dez., 2008, p. 517-534.

_____. Fio de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, n. 30, dez., 2009, p. 215-250.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915/1963). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 5, nº 10, março/agosto, 1985, p. 197-207.

FILHO, Alberto Heráclito Ferreira. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). In: *Afro-Ásia*. Salvador: UFBA, 21-22, (1998-1999), p. 239-256.

FILHO, Walter Fraga. *Encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2004. (Tese do Doutorado).

FONER, Eric. O significado da Liberdade. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8 nº 16, mar./ago., 1988, p. 09-36.

FRANCISCO, Raquel Pereira. Laços de solidariedade: família e parentesco entre os afrodescendentes do município de Juiz de Fora no pós-emancipação. In: *Passagens. Revista Internacional de História, Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 2, maio-agosto, 2012, p. 233-253.

FRY, Peter. O que a cinderela negra tem a dizer sobre a "política racial" no Brasil. In: *Revista USP*, São Paulo, 28, Dezembro/Fevereiro, 1995/1996, p. 122-135.

GUIMARÃES, Elione Silva. *Múltiplos viveres de Afrodescendentes na escravidão e no pós-emancipação: família, trabalho, terra e conflito (Juiz de Fora, 1828-1928)*. São Paulo: Annablume; Juiz de Fora: Funalfa, 2006.

GUIRRO, Leandro Antônio. Homens pretos, homens de cor: o período pós-abolição nas páginas do Getulino – Campinas (1888-1926). In: *Anais do XIX Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão*. São Paulo: ANPUH, 08 a 12 de setembro de 2008. Texto disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Leandro%20Antonio.pdf>. Acesso realizado em 26-12-2012.



KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. *Negros e modernidade urbana em Porto Alegre: a colônia africana (1890-1920)*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. (Dissertação de Mestrado).

LARA, Sílvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História PUC-SP, (16), fev. 1998, p. 25-38..

_____. Blowin' in The Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História PUC-SP, 1981, p. 43-56.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. O café e o trabalho "livre" em Minas Gerais – 1870-1920. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 6, n. 12, mar./ago. 1986, p. 73-88.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). *Negros no Sul do Brasil*. Invisibilidade e territorialidade. Porto Alegre: Letras Contemporâneas, 1996.

LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. (Tese de Doutorado).

_____. Casar, associar-se, apostar em loterias: cotidiano ou estratégias de liberdade? In: *Anais do X Encontro Estadual de História: o Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o nacional e o regional*. Santa Maria: UFSM, UNIFRA, 26 a 30 de junho de 2010. Texto disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1278285688_ARQUIVO_BeatrizLoner-anpuh2010.pdf. Acesso realizado em 04-01-2013.

_____. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Texto disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=15315>. Acesso realizado em 04-01-2013.

_____. Negros: organização e luta em Pelotas. In: *História em Revista*. Pelotas: UFPEL, nº 5, Dez., 1999. Texto disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/hr_05/historia_em_revista_05_beatriz.html. Acesso realizado em: 04-01-2013.

MAGALHÃES, Magna Lima. *Entre a presteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)*. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010. (Tese de Doutorado).

MARTINS, Paulo Henrique de Souza. *Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2012. (Dissertação de Mestrado).

MATA, Iacy Maia. "Libertos de treze de maio" e ex-senhores na Bahia: conflitos no pós-abolição. In: *Afro-Ásia*. Salvador: UFBA, 35 (2007), p. 163-198.



MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MELO, Josemir Camilo de. Escravos e moradores na transição para o trabalho assalariado em ferrovias em Pernambuco. In: *Saeculum – Revista de História* [25]. João Pessoa, jul./dez., 2011, p. 115-130.

MELLO, Marcelo Moura. *Caminhos criativos da história: territórios da memória em uma comunidade negra rural*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, 2008. (Dissertação de Mestrado).

_____. Raízes e rotas da terra. Formação de um território negro no Brasil Meridional. In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, maio de 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos4/marcelomouramello.pdf>. Acesso realizado em: 08-01-2013.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2005. (Dissertação de Mestrado).

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Professores negros na Primeira República. In: *29º Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, 2006. Texto disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT21/GT21_Lucia_Muller.pdf. Acesso realizado em: 01-02-2013.

MÜLLER, Liane Susan. *Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre (1889-1920)*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Laiana Lannes. *Entre miscigenação e multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros? Os desafios do movimento negro brasileiro no período de valorização nacionalista (1930-1950) – A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental Negro*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2008. (Tese de Doutorado).

_____. *O pós-abolição – perspectivas dos libertos e projetos de Brasil – súditos, bestializados ou cidadãos negros*. Projeto de pesquisa apresentado à Comissão Julgadora da Casa de Rui Barbosa, como requisito para participação da seleção para o cargo de doutor junior em estágio pós-doutoral. Texto disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/ff%20-%20LaianaLannes.pdf>. Acesso realizado em 04-01-2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Trabalho livre e ordem burguesa. Rio Grande do Sul 1870-1900. São Paulo, *Revista de História*, jan./jul., 1989, p. 135-151.

RIBEIRO, Fábila Barbosa. *Vivências negras: as experiências de homens e mulheres negros na cidade de São Paulo durante as primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003. (Dissertação de Mestrado)



RIOS, Ana Maria Lugão; COSTA, Carlos Eduardo C. da. Migração de negros no pós-abolição: duas fontes para um problema. In: Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu/MG, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Texto disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1269.pdf. Acesso realizado em 26-12-2012.

____; MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo*: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

____. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. In: *Topoi*, v. 5, nº 8, Jan.-Jun., 2004, p. 170-198.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. Colônia Africana, arrebalde proletário: o cotidiano de negros e brancos, brasileiros e imigrantes num bairro de Porto Alegre durante as primeiras décadas do século XX. In: *5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/rosa%20marcus%20vinicius%20de%20freitas.pdf>. Acesso realizado em: 08-01-2013.

RUBERT, Rosane Aparecida. Parentesco, memória e território: um estudo etnográfico de comunidades negras rurais da região central do RS. In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/rosanerubert.pdf>. Acesso realizado em: 13-02-2013.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. *As razões do coração*: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador (1889/1950). Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2010. (Tese de Doutorado).

____. A família por limite: relações de trabalho e vida familiar na Bahia Republicana. In: *Anais Eletrônicos I Encontro Estadual de História ANPUH-BA*. Ilhéus: UESC, 2002. Texto disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/maria_aparecida_prazeres.pdf. Acesso realizado em: 24-01-2013.

SANTOS, Cristiane Batista da S. Memórias do trabalho no pós-abolição: escravos, libertos e livres pobres, da escravidão para a produção na Usina de João Branco no sul baiano oitocentista. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: USP, julho 2011.

SANTOS, Lucimar Felisberto dos. Africanos e crioulos libertos no Rio de Janeiro: legislação, percepções políticas e mobilidade social de ex-escravos (1870-1890). In: *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, nº 25, Jul./Dez., 2011, p. 77-95.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da era republicana. In: *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 5, nº 8, jan.-jun., 2004, p. 138-169.

SCOTT, Rebecca J. *Emancipação escrava em Cuba*: a transição para o trabalho livre (1860-1899). Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: UNICAMP, 1991.



SILVA, Denilson de Cássio. *O drama social da abolição: Escravidão, liberdade, trabalho e cidadania em São João Del-Rei, Minas Gerais (1871-1897)*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2011. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Deyse Lima da. Conflitos e aspectos do cotidiano de negros e negras no pós-abolição no Recôncavo Baiano (1888-1906). In: *I Encontro de História do CAHL/UFRB*, 18 a 21 de outubro de 2010. Texto disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/lehrb/wp-content/uploads/2011/08/DeyseLimaSilva.pdf>. Acesso realizado em 27-12-2012.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Associativismo negro em Pelotas no pós-abolição: membros dos clubes sociais negros, articulistas do *A Alvorada* e militantes da Frente Negra Pelotense (1933-1937). In: *5º Encontro Escravidão e liberdade no Brasil meridional*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/silva%20fernanda%20oliveira%20da.pdf>. Acesso em: 28-12-2012.

_____. Associativismo negro em terras sulinas: das irmandades aos clubes para negros em Pelotas (1820-1943). In: *Revista Thema*. Pelotas: IFSul, v. 8, número especial, 2011.

SILVA, Gabriela do Nascimento. É proibido bater tambor: candomblé em Feira de Santana (1889-1940). In: *Anais do Simpósio da ABHR*. Religião, carisma e poder: as formas da vida religiosa no Brasil. São Luis: UFMA, 29/05 a 01/06 de 2012.

SILVA, Marcio Antônio Both. *Babel do novo mundo: povoamento e vida rural na região de matas do Rio Grande do Sul (1889-1925)*. Niterói: EDUFF; Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

SILVA, Lúcia Helena Oliveira. *Construindo uma nova vida: migrantes paulistas afro-descendentes na cidade do Rio de Janeiro no pós-abolição (1888-1926)*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2001. (Tese do Doutorado).

_____. Emergindo do silêncio: libertos e afro-descendentes no pós abolição (1888-1930). In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/luciahelenaoliveira.pdf>. Acesso realizado em: 04-01-2013.

_____. Vivências no pós-abolição: imigração, trabalho e autonomia (1888-1926). IN: *III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Florianópolis: UFSC, 2007. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/lucia%20helena%20oliveira%20silva.pdf>. Acesso realizado em: 04-01-2013.

_____. Escravos e libertos no Paraná. In: *II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/lucia%20silva%20completo.pdf>. Acesso realizado em: 04-01-2013.

SILVÉRIO, José Carlos. Questões da abolição e do pós-abolição em Ouro Preto. In: *Anais do III Simpósio Impérios e Lugares no Brasil*. Ouro Preto: UFOP, 12, 13 e 14 de maio de 2010. Texto disponível em: <http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/53.pdf>. Acesso realizado em 03-01-2013.



SIMÕES, José Luis. Anotações sobre a abolição, imigração e o mercado de trabalho na República Velha. In: *IX Simpósio Internacional Processo Civilizador: tecnologia e civilização*. Ponta Grossa: CEFET, 24 a 26 de novembro de 2005. Texto disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos.html>. Acesso realizado em 03-01-2013.

SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. A liberdade e o trabalho no pós-abolição: memórias de populações negras do Recôncavo Sul da Bahia. In: *Anais do XIII Encontro de História ANPUH/Rio: identidades*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Texto disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212958738_ARQUIVO_Edineliadoc.pdf. Acesso realizado em 27-12-2012.

SOUZA, Flávia Fernandes de. *Para casa de família e mais serviços: o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. (Dissertação de Mestrado).

SPOLLE, Marcus Vinicius; ANJOS, José Carlos Gomes dos. Trabalhadores do porto no período pós-abolicionista em Pelotas: da inserção do negro no mercado de trabalho livre a decadência de uma atividade no município. In: *4º Encontro escravidão e liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/marcusvspollejosecganjos.pdf>. Acesso realizado em 03-01-2013.

TIEDE, Livia Maria. *Sob suspeita, negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2006. (Dissertação de Mestrado).

VASCONCELOS, Marcos Estevam; OLIVEIRA, Mateus Fernandes de. O combate à ociosidade e à marginalização dos libertos no pós-emancipação. In: Juiz de Fora, *CES Revista*, v. 25, 2011, p. 147-156.

XAVIER, Regina. Raça, civilização e cidadania na virada do século XIX e início do XX. In: *4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba: UFPR, 2009. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/reginaxavier.pdf>. Acesso realizado em: 05-02-2013.

ZUBARAN, Maria Angélica. A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910). In: *3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Florianópolis, 2007. Texto disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/maria%20angelica%20zubaran.pdf>. Acesso realizado em 30-01-2013.